

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CAMPUS DE PICOS: a história de um Currículo pelo olhar de uma disciplina

Norma Patrícya Lopes Soares¹
Maria do Amparo Borges Ferro²

RESUMO

Este artigo é fruto de um estudo sobre a disciplina História da Educação, no Curso de Pedagogia - Campus de Picos³, da Universidade Federal do Piauí. O trabalho assemelha-se ao que já vem sendo pesquisado em outras universidades brasileiras sobre o ensino de História da Educação. Abordamos a evolução dos seus currículos no período de 1982 a 2006, enfocando especificamente a disciplina História da Educação. Nossa fundamentação está amparada na Nova História Cultural, especialmente nas idéias de Peter Burke (1992); Hunt (2001); Gatti Júnior e Inácio Filho (2005); Carvalho (2005); Horn e Germinari (2006). Inicialmente situamos o ensino de História da Educação no Brasil, depois abordamos as teorias curriculares e finalmente dissertamos acerca da institucionalização da disciplina em estudo no curso de Pedagogia do Campus acima citado. A reflexão sobre esse tipo de problemática vem se tornando cada dia mais significativa na medida em que proporciona a definição da posição curricular adotada pelas instituições educacionais ao longo da história. Nessa perspectiva, constatamos, via documentos e principalmente depoimentos orais, que, se a escola tem um papel pedagógico específico, então o currículo do Curso de Pedagogia de Picos, especificamente através da disciplina História da Educação, ao longo das três décadas pesquisadas, também o tem na medida em que as diferentes práticas pedagógicas ora enaltecem a transmissão do conhecimento historicamente acumulado, ora

Recebido em: 05/2010 - Aceito em: 08/2010

1 Professora da Universidade Federal do Piauí. E-mail: npaty@uol.com.br

2 Professora da Universidade Federal do Piauí – Campus de Teresina. E-mail: amparoferro@uol.com.br

3 O Campus de Picos tem por nomenclatura Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB).

são instrumentos de compreensão do presente e ora são ferramentas de impulso à pesquisa e estudos historiográficos locais.

Palavras-Chave: Currículo. História da Educação. Ensino. Nova história cultural.

HISTORY OF EDUCATION IN THE CAMPUS OF PEAKS: the story of a curriculum by the look of a discipline

ABSTRACT

This article is the result of a study on History of Education in Course of Pedagogy-Campus of Picos, of Universidade Federal do Piauí. The work is similar to that already has been researched in other Brazilian universities on teaching history of education. We discuss the evolution of their curriculum in the period from 1982 to 2006, specifically focusing on history of education discipline. Our rationale is based on New cultural history, especially in the ideas of Peter Burke (1992); Hunt (2001); Gatti Junior and Inácio Filho (2005); Carvalho (2005); Horn and Germinari (2006). Initially we “ teaching history of education in Brazil, after we have approached the curricular and finally we lectured theories about the institutionalization of discipline in the course of study Pedagogy campus. Reflection on this type of problem is becoming increasingly significant insofar as it provides the definition of the position adopted by educational institutions curriculum throughout history. In this perspective, we mainly via oral documents and that, if the school has a specific pedagogical role, then the course curriculum, Pedagogy of Peaks, specifically through the discipline of History Education, throughout three decades have also researched, insofar as the different pedagogic practices elevates the historically accumulated knowledge transmission, are instruments of understanding of this and now are tools of impetus to research and studies historiográficos locations.

Key-words: Curriculum. History Education. Teaching.

Introdução

O presente trabalho é fruto de um estudo sobre a disciplina História da Educação, no Curso de Pedagogia - Campus de Picos, vinculado à Universidade Federal do Piauí. Essa pesquisa assemelha-se ao que já vem sendo realizado em outras universidades brasileiras sobre o ensino de História da Educação. Abordamos a evolução dos seus currículos no período de 1982 a 2006, enfocando especificamente a disciplina História da Educação, e alguns relatos referentes ao ensino dessa disciplina, pois como afirma Hunt (2001, p. 28-29) “[...] a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso – de textos, imagens e ações - e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames”.

Buscamos pesquisar a história das disciplinas escolares, colocando os conteúdos de ensino da história da educação no centro das preocupações, porque como professora da Área de Fundamentos Históricos da Educação no curso supra inquietou-nos a necessidade de conhecer como vem se estruturando, especificamente, a disciplina História da Educação, além de tentar compreender a prática docente dos professores que a ministraram ao longo dos anos e a relação da disciplina no currículo do Curso.

Quando a sociedade impõe à escola suas finalidades e a escola busca o apoio da sociedade para criar e executar planos e atividades necessários ao processo de ensino-aprendizagem, como as disciplinas escolares, por exemplo, acreditamos que é, ao redor daquelas finalidades, que são projetadas as políticas educacionais os programas, os planos de curso, e é também em torno das mesmas finalidades que ocorre a construção e transformação histórica da escola.

O recorte histórico - 1982 a 2006 - compreende o ano de implantação do Campus Universitário na cidade de Picos e a criação do Curso de Pedagogia em cujo currículo constava a disciplina em estudo, e estende-se até o período letivo anterior ao início desta pesquisa.

A fundamentação teórica deste trabalho baseia-se na Nova História Cultural, especialmente nas idéias de Peter Burke (1992) e Antônio Nóvoa (1998); na história das Instituições escolares com Décio Gatti Júnior e Geraldo Inácio Filho (2005) e em historiadores que tratam do ensino de História, dentre eles Geraldo Balduino Horn e Geysa Dongley Germinari (2006). Recorremos aos teóricos: Selma Garrido Pimenta (2004), Paulo Roberto Padilha (2004) e Tomaz Tadeu da Silva (1999) na orientação sobre conceituação e caracterização de disciplina escolar, prática pedagógica e currículo. Por se tratar de uma pesquisa do tempo presente fizemos uso da história oral. Assim, o texto contém relatos de professoras que ministram e/ou ministraram essa disciplina no período em estudo.

Para dissertarmos sobre o ensino da História da Educação em Picos convém situarmos brevemente o ensino da História da Educação no Brasil para então tecermos acerca da institucionalização daquela no objeto deste estudo, o curso de Pedagogia do Campus da UFPI/Picos.

A disciplina História da Educação está vinculada aos cursos de formação de professores, o que por vezes produziu constrangimentos teóricos e institucionais gerando, com isso, uma série de trabalhos como o de Warde (1990), que sustenta:

[...] o processo de subtração da história da educação do campo da história e de sua inserção entre as ciências da educação subordinou-se aos critérios de hierarquização e composição curricular que comandaram os investimentos teóricos e institucionais do grupo de intelectuais que se articulou a partir de 1932, na Associação Brasileira de Educação, postulando para si o estatuto de renovadores da educação (grifo da autora). Segundo esses critérios, a história da educação teve o seu estatuto configurado: instituída como disciplina destinada à formação de professores, foi apartada do campo da investigação histórica; ao mesmo tempo foi secundarizada no campo da educação, no qual a sociologia, a psicologia e, por extensão, a biologia, ganharam o estatuto de

ciências matriciais. Subordinada à filosofia, configurou-se como disciplina escolar de caráter marcadamente moralizador. (WARDE, 1984, 1990, apud CARVALHO, 2005, p. 34).

Contudo, as grandes mudanças que estão sendo produzidas no campo da historiografia vêm repercutindo diretamente na disciplina história da educação, o que tem levado o historiador a interrogar e lançar novos olhares sobre as fontes disponíveis, não mais buscando nas gavetas do passado as origens ou fundamentos das práticas pedagógicas do presente.

Assim, segundo Carvalho (2005, p. 35),

[...] a história da educação passa a tematizar a perspectiva dos sujeitos dos processos investigados, trabalhando com as representações que os agentes históricos fazem de si mesmos, de suas práticas, das práticas de outros agentes, de instituições – como a escola – e dos processos que as constituem (grifo da autora).

No entendimento da professora e pesquisadora Vieira⁴ (2007),

Durante algum tempo a disciplina História da Educação foi vista em várias partes do mundo com criticidade, chegando a ser considerada por alguns estudiosos do século XIX e XX como uma área do conhecimento inútil dada à sua ‘fragilidade científica’. A pouca familiaridade com o trato da teoria, com a reflexão filosófica e a epistemologia da ciência por parte dos historiadores da educação proporcionava os instrumentos para as reiteradas opiniões negativas sobre a disciplina. É possível supor que, os questionamentos feitos envolvendo o status científico da História da Educação, reflitam a forma como a disciplina viria a ser trabalhada nos cursos de formação de professores. (Vieira)

4 Professora que atualmente ministra a disciplina História da Educação no Campus de Picos. Depoimento concedido em Junho de 2007 para a realização desta pesquisa.

A reflexão sobre esse tipo de problemática vem se tornando cada dia mais significativa na medida em que proporciona a definição da posição da disciplina no campo da pesquisa educacional e põe em questão o seu caráter de saber subsidiário de outras áreas da pesquisa em educação.

Por isso, discutir sobre o ensino de história da educação, necessariamente recai sobre a perspectiva curricular, o que suscita uma explanação sobre teoria curricular. Ao pensarmos em currículo escolar, de imediato nos vem à mente grade curricular e conteúdos escolares, além de projeto político pedagógico, princípios, diretrizes e propostas pedagógicas. Mas o que é realmente currículo?

Segundo Silva (1999, p.15), “[...] o currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes; seleciona aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”. Esta autora afirma existirem várias Teorias de Currículo e as categoriza de acordo com os conceitos que elas enfatizam.

Padilha (2004) também apresenta as teorias de currículo, citando inclusive o estudo de Silva. Vejamos a seguir algumas teorias:

- a) A Teoria Tradicional de Currículo enfatiza os seguintes elementos: ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência e objetivos. Este tipo de currículo se preocupa principalmente com a organização e o método e vem da Didática Magna de Comenius;
- b) A Teoria Crítica de Currículo prioriza os conceitos: ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência;
- c) A Teoria Pós-Crítica de Currículo destaca os seguintes elementos: identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação e discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo.

Assim, ainda segundo Padilha (2004, p.123),

As ‘teorias tradicionais’ se apresentam como neutras, científicas e desinteressadas, já que os saberes dominantes representam a existência do que ensinar e as técnicas existentes, já definidas cientificamente, [...]. Por isso resta apenas transmitir o conhecimento inquestionável, de forma bastante organizada, [...]. As teorias críticas e pós-críticas não aceitam esses argumentos, apresentando questionamento sobre o porquê de se trabalhar determinados conhecimentos e não outros, tentando desvelar a ideologia oculta sob o rótulo da neutralidade científica [...].

Com base nesses pressupostos tentaremos relacionar a disciplina História da Educação com as teorias de currículo apresentadas anteriormente.

Alguns autores entendem que ainda há pouco estudo sobre currículo, daí persistirem os pressupostos e paradigmas clássicos. Horn e Germinari (2006, p. 15), afirmam que “há uma aceitação passiva das posturas que em grande medida desconsideram a complexidade do estudo do currículo para mudar suas perspectivas básicas”.

Percebe-se em muitas situações de ensino que

O poder está atento para definir o que será tomado como conhecimento, quão acessível a diferentes grupos estará qualquer conhecimento, e quais são as relações aceitas entre diferentes áreas de conhecimento e entre aqueles que têm acesso a elas e as tornam disponíveis. (YOUNG, 1971, p. 35, apud, HORN; GERMINARI, 2006, p. 16).

Nessa perspectiva, constata-se que o currículo sempre foi tomado com o objetivo de selecionar, organizar e abordar os conhecimentos científicos. Mas, Bernstein (1971, apud HORN; GERMINARI, 2006, p. 22), considera que “[...] a maneira como a sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia o

conhecimento educacional reflete tanto a distribuição de poder quanto os princípios de controle social”.

Faz-se necessário ter claro que não existe linha pedagógica totalmente original. Dada a diversidade de pesquisas na área, a história da educação rica em possibilidades teóricas e em relato de práticas educativas múltiplas, sabendo-se que as práticas hoje são a síntese de muitas outras práticas dialeticamente constituídas, não há como se pensar que, em uma sociedade globalizada também do ponto de vista do conhecimento, haja originalidade absoluta. Original é a re-leitura feita desta história e a forma como se pode adequá-la à nossa realidade compondo, então, uma prática da comunidade escolar.

Com relação à conceituação e caracterização de prática pedagógica tomemos por base as idéias de Pimenta (2004, p. 42) quando afirma ser ação pedagógica

[...] as atividades que os professores realizam no coletivo escolar supondo o desenvolvimento de certas atividades materiais orientadas e estruturadas. Tais atividades têm por finalidade a efetivação do ensino e da aprendizagem por parte dos professores e alunos. Esse processo de ensino e aprendizagem é composto de conteúdos educativos, habilidades e posturas científicas, sociais, afetivas, humanas; enfim, utiliza-se de mediações pedagógicas.

Por prática pedagógica podemos considerar as formas de educar que acontecem em diferentes contextos e situações institucionalizadas, configurando, assim, a cultura, as tradições, os costumes e o modo de educar pertinente a determinadas instituições.

Nesse sentido a estrutura da prática pedagógica institucionalizada “obedece a múltiplos determinantes tendo sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores e das condições físicas existentes” (ZABALLA, 1998, apud PIMENTA, 2004, p. 41-42).

Sabe-se que toda ação pedagógica implica em decisões

sobre que conhecimento ensinar, para quem e como fazê-lo. Mas decisões pedagógicas e curriculares não são autônomas, pois se relacionam com estruturas de poder que controlam a distribuição do conhecimento de modo diferenciado. Assim também ocorre com os currículos, uma vez que a sua lógica alicerça-se numa concepção de conhecimento decorrente de um paradigma de ciência e de mundo.

Após a explicitação dos referenciais adotados ao longo desta análise, convém esclarecer a metodologia adotada para a construção dessa narrativa.

Realizamos, inicialmente, uma pesquisa documental objetivando fazer o levantamento e desvelar os dados constantes em todos os Planos de Curso e Propostas Curriculares adotadas no período em estudo. Cumprida esta etapa da pesquisa passamos a utilizar a memória. Convém ressaltar que “a memória como um campo interdisciplinar possui várias faces, mas nos interessam nesse texto somente duas: a memória como fonte oral a partir das recordações e a memória como *fenômeno histórico, ou seja, história da memória coletiva, história social da recordação*” (RANZI, 2007, p. 323) (grifo do autor). Para tanto recorremos aos professores que ministraram as disciplinas relacionadas de História da Educação.

Contactamos, de imediato, a atual professora da disciplina, Maria Alveni, que nos informou as outras três professoras efetivas da UFPI que também fizeram parte desta história. Uma delas estava afastada, as outras duas, embora hoje aposentadas (Maria da Conceição e Maria Eunice), fizeram questão de fazer uso de suas memórias para reconstruir a história em apreço. Assim, foram feitas três entrevistas não-estruturadas, onde cada uma delas foi rememorando livremente seus afazeres quando ministravam tais disciplinas.

Dessas duas possibilidades de memória fizemos uso daquela que se relaciona com a história, especificamente com a história das disciplinas escolares, uma vez que segundo Macron (2000, apud RANZI, 2007), freqüentemente a memória intercala o trabalho do historiador, pois aquela passou a ser elemento constitutivo do

processo de construção de identidade.

Nessa perspectiva, nos dizeres de Ranzi, (2007, p. 350), “o alcance da fonte oral para estudos do tempo presente, é reconhecidamente promissor, pois revela as ações e criações dos professores”. E, confirmamos ainda, baseado em Ranzi (2007, p. 350-351) que

[...] trabalhar com a memória é recuperar, em certo sentido, as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, é entender o professor construindo a sua experiência com mais ou menos liberdade, com mais ou menos condições, efetuando práticas demarcadas, modeladas na descontinuidade das trajetórias históricas, o que [não] seria possível somente a partir das fontes escritas.

A memória enquanto fonte oral possibilita uma interpretação histórica mais completa e mais rica uma vez que exige uma relação dialética entre as fontes orais e os demais documentos utilizados no processo de busca e apreensão da realidade histórica do fato, ou seja, ela contribui para compreender entre “o dito e o não dito e entre o que foi dito ou escrito de maneira diferente” (GARRIDO, 1993, p. 38). Entretanto, convém lembrar Peter Burke (1992), quando nos alerta que devemos estar atentos à seleção consciente e inconsciente, à interpretação e à distorção a que a memória pode estar sujeita.

Assim, o uso da memória, seja ela como fonte oral ou como fenômeno histórico permeará toda a construção deste trabalho para captar o não-dito, para analisar o ensino de história da educação no campus em apreço e seu cotidiano tendo como foco, neste momento, os professores da referida disciplina e num segundo momento alguns de seus alunos.

Embora exista uma grande variedade de contribuições dos teóricos à área educacional e em especial à do currículo e da prática pedagógica, que expõem de forma clara os mecanismos que levam ao acirramento ou superação dos conflitos entre os diversos

grupos sociais, não é este o foco desse trabalho. Assim, passemos à evolução histórica do ensino da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia no Campus de Picos da UFPI no período de 1982 a 2006.

História da Educação: o estudo de uma disciplina através dos currículos

O Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), mais conhecido como Campus de Picos “[...] iniciou suas atividades pedagógicas, no ano de 1982, com os seguintes cursos de Licenciatura Curta: Pedagogia - com habilitação em Supervisão Escolar e Administração Escolar -, Letras, Estudos Sociais e Ciências [...]” (SOUSA, 2003, p. 38). Dois anos depois ocorreu a plenificação dos cursos em razão da necessidade local. No ano de 1987, através da Resolução n. 002/87, as atividades acadêmicas são extintas por vários motivos, voltando a funcionar sub judice. Finalmente em 1989 o Campus volta a funcionar regularmente sem mais interrupções.

Com relação à estrutura curricular do curso de Pedagogia, Sousa (2003, p. 41) nos esclarece afirmando que “[...] seguem-se quatro momentos do curso que são determinados de linhas curriculares. As linhas curriculares garantem a seqüência horizontal do currículo e estabelecem a organização vertical das disciplinas em blocos por período letivo”.

Dentre as disciplinas constantes na estrutura curricular do curso de Pedagogia destacamos aquela relacionada à História da Educação Geral. A mesma sempre esteve presente na formação do pedagogo picoense, apresentando uma variedade de nomes e uma pequena diversidade de ementas e cargas horárias como pode ser constatado no QUADRO I⁵.

5 Poder aqui entendido como o sistema educacional determinante do estabelecimento dos conhecimentos a serem transmitidos nas instituições de ensino.

QUADRO I
RESUMO DA EVOLUÇÃO CURRICULAR DA DISCIPLINA HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO

NOME DA DISCIPLINA	ANO/ PERÍODO	CARGA HORÁRIA	EMENTA
Elementos da História Antiga	1982/2	45h	1. Introdução; 2. Pré-História; 3. A antiguidade oriental; 4. Antiguidade Grega; 5. O Império de Alexandre e a civilização helenística; 6. As instituições e costumes da Grécia antiga; 7. O pensamento grego; 8. Roma; 9. Sociedade romana; 10. As instituições romanas; 11. A atividade intelectual.
História da Educação	1995/2	60h	Conceito, Importância e Divisão da História da Educação; Tipos históricos da Educação Antiga; Correntes tradicionais da Educação; Modelos mais recentes de educação; Tendências progressistas contemporâneas.
História da Educação	003/2	60h	Conceitos, métodos e importância da História da Educação; Educação nas sociedades; Tendências e perspectivas da Pedagogia e da Educação na atualidade.
História Geral da Educação	2008/1	60h	Conceito, método, importância e divisão da História da Educação. Educação nas sociedades: primitiva, oriental, grega, romana e cristã primitiva. Educação medieval. Educação renascentista: humanismo reforma e contra reforma. A Educação Moderna: Realismo, Iluminismo e naturalismo pedagógico. Educação na contemporaneidade – Séculos: XIX, XX e XXI. Tendências da Pedagogia e da educação atual.

Fonte: Arquivo Morto da UFPI/Picos.

Segundo depoimento da professora e pesquisadora Vieira⁶ (2007):

⁶ Professora que atualmente ministra a disciplina História da Educação no Campus de Picos. Depoimento concedido em junho de 2007 para a realização desta pesquisa..

No CSHNB, a disciplina História da Educação, de início, era trabalhada apenas no curso de Pedagogia. Até meados da década de 1990, teve como professora a historiadora Maria Eunice Soares Teixeira e após seu afastamento das atividades docentes no Campus a disciplina ficou sendo ministrada por pedagogos.

[...] Na forma como vem sendo trabalhada no CSHNB, revela que no transcurso do tempo de sua existência sua proposta de conteúdos programados manteve-se inalterada [...]. (Vieira)

Convém ressaltar que nos dados de identificação constantes nos Planos de Cursos a disciplina História da Educação fora ministrado por professores substitutos. E, através de conversas informais, soubemos que Maria da Conceição Silva Albano também compôs o quadro efetivo de docentes da Instituição em apreço, tendo ministrado várias vezes a disciplina supra.

Ao entrevistar a Professora e historiadora Teixeira⁷ (2008) sobre a perspectiva de formação da disciplina em apreço, esta afirmou que

[...] visava resgatar todo o processo da História da Educação Geral e Brasileira com a finalidade de fazer com que o aluno entendesse de forma contextualizada as reformas e as políticas de educação implantadas, principalmente no Brasil; e que através da compreensão da literatura estudada se pudesse aprimorar a prática educativa na perspectiva de não cometer erros anteriormente praticados. (Teixeira)

Já para a professora Albano⁸ (2008) “o ensino da disciplina foi centrado no resgate da história da educação numa perspectiva contextualizadora, oportunizando ao discente o desenvolvimento de uma consciência crítica e comprometida

7 Professora aposentada que ministrou a disciplina História da Educação no Campus de Picos nas décadas de 80 e 90. Depoimento concedido em abril de 2008 para a realização desta pesquisa.

8 Professora aposentada que ministrou a disciplina História da Educação no Campus de Picos nas décadas de 80 e 90. Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em Picos, em abril de 2008.

com a causa da educação”.

Questionadas sobre a prática pedagógica dessa disciplina, no período em estudo, as depoentes esclareceram:

A prática pedagógica foi realizada mediante estudos bibliográficos, planos de curso, planos de aula, estudo e reflexão de textos, trabalhos em equipe e outros. Os recursos didáticos utilizados eram bastante limitados: livro texto, álbum seriado, retroprojektor, mimeógrafo e aulas participativas [...]. Os textos não eram um fim em si mesmo, mas para refletir a importância da educação. [...]. Todo semestre íamos a Teresina para buscar novos textos porque aqui não tinha biblioteca. (Maria da Conceição Silva Albano)⁹.

Partia de um planejamento conjunto com os professores de Teresina, pois o Plano de Curso era o mesmo e sempre íamos para uma prévia discussão. Dentro da sala de aula se estudava o texto de várias maneiras: aulas expositivas com discussão, seminários e avaliações escritas. (Maria Eunice Soares Teixeira)¹⁰

Podemos indicar que os critérios das escolhas pedagógicas das duas depoentes acima foram como nos esclarece Chartier (2000), prioritariamente (mas não exclusivamente) referentes ao que cada um avaliou empiricamente como satisfatório, isto é, racionalmente realizável, viável no aqui e agora da classe.

Assim, temos que entender a complexidade da prática escolar para além da oposição entre prática tradicional e prática inovadora, pois “qualquer que seja o pólo valorizado, mascara de fato a existência de toda uma série de ações profissionais que constituem o tronco sobre o qual vêm se enxergando os estilos pedagógicos ou didáticos específicos, tradicionais ou renovados” (CHARTIER, 2000, p.165).

Percebemos ainda nos dois depoimentos acima transcritos uma preocupação de ir em busca do novo, de não

⁹ Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em Picos, em abril de 2008.

¹⁰ Professora aposentada que ministrou a disciplina História da Educação no Campus de Picos nas décadas de 80 e 90. Depoimento concedido por Maria Eunice Soares Teixeira em abril de 2008 para a realização desta pesquisa

permanecer estagnadas, de promover a reflexão crítica dos alunos.

As exigências legais sofridas nesse transcurso exigiram das professoras uma nova roupagem a essa disciplina, e como relata Teixeira, “a própria abertura política da época (anos 80 e 90) possibilitou o acesso a novos textos e novas ideologias”, ou como ratifica a depoente Albano “o estudo da disciplina oportunizou o despertar da consciência de uma educação libertadora, comprometida com a realidade, era a abertura política que possibilitava isso”¹¹.

Com base nesses depoimentos podemos afirmar que o período em estudo, ao tempo em que não produziu reforma curricular, mas apenas alterações nas ementas das disciplinas (o que pode ser constatado no quadro existente no final desse texto), possibilitou ao educador, em sala de aula, fazer uso de textos e metodologias que levassem à reflexão do contexto histórico, político e ideológico que estava sendo vivenciado naquelas décadas.

Teixeira fala ainda que a proposta para o ensino dessa disciplina era “contextualizar o aluno no processo educativo do País para entender o porquê do Brasil nunca priorizar a educação” (depoimento)¹².

Para Albano a disciplina era trabalhada no sentido de “[...] fazer com que o discente tivesse conhecimento de como ocorreu a educação no contexto geral: mundo (Grécia), Brasil (nos diversos períodos), no Piauí [...]” (Maria da Conceição Silva Albano)¹³.

Pelos depoimentos, verificamos que a proposta de estudo da disciplina nem sempre contemplou a reflexão histórica, política e ideológica, uma vez que certo relato enaltece apenas a compreensão da história da educação.

Quanto à forma como esta disciplina era ministrada

11 Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em Picos, em abril de 2008.

12 Depoimento concedido por Maria Eunice Soares Teixeira, em Picos, em abril de 2008.

13 Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em abril de 2007.

constatamos uma alteração apenas de nome dos professores o que pode ser confirmado pela fala de Vieira (2007)

[...] a política de oferta disciplina/professor no CSHNB promove o rodízio de disciplinas entre o corpo docente, onde os professores do Campus vêm-se na obrigação de assumirem o magistério em caráter polivalente dada a carência de professores. Essa polivalência do mestre universitário no CSHNB dificulta o investimento, por parte do professor numa área específica do conhecimento transformando-os em mestres de superficialidades, ou seja, professores que dominam apenas rudimentos gerais de cada disciplina. Sem tempo para planejarem as disciplinas a serem trabalhadas, estas mantinham sempre os mesmos planos de curso sofrendo alterações somente no nome do professor que iria ministrá-la naquele período. (Maria Alveni Barros Vieira)¹⁴

Por solicitação da própria professora Vieira, desde 2004, a disciplina passou a ser ministrada regularmente por ela em razão de ter concluído o curso de Mestrado na área de História da Educação. Reestruturou a disciplina a partir do ementário existente buscando dar-lhe novas configurações. Nesse sentido, “o fenômeno educativo passa a ser trabalhado em sala de aula, mesmo que timidamente, numa perspectiva histórica, porém entremeado por um conjunto de reflexões conceituais, antes imaginadas apenas como abstrações inerentes à filosofia ou como questões sociológicas” (Maria Alveni Barros Vieira).

Em virtude das exigências legais, do mercado de trabalho e do próprio avanço científico a estrutura curricular do curso de Pedagogia do Campus de Picos sofreu reformulação/atualização, no ano de 2005, o que repercutiu, também na disciplina História da Educação.

Foram estabelecidas as diversas áreas de ensino, dentre elas a de Fundamentos Históricos da Educação que hoje (2008) é constituída pelas seguintes disciplinas: História Geral da Educação, História da Educação Brasileira, História

14 Depoimento concedido por Maria Alveni Barros Vieira, em Picos, em junho de 2007.

da Educação no Piauí, Gênero e Educação, além de Estudos e Pesquisas em História da Educação. Sendo que as três primeiras são obrigatórias e as demais optativas.

A disciplina ora em estudo passou a ser denominada História Geral da Educação e sua ementa foi modificada apresentando uma estrutura que pode ser visualizada no QUADRO I, já apresentado.

Com base nos depoimentos percebe-se que o ensino da disciplina História da Educação “vem articulando a historicidade do fenômeno educativo através da mediação da sociedade mantendo a necessária abertura teórica sem dogmatismos”¹⁵ e vem também abrindo espaço à pesquisa e extensão, pois os docentes que estão ministrando esta disciplina têm procurado, mesmo dentro desta estrutura de créditos teóricos, propiciar e envolver os discentes no mundo da pesquisa a exemplo da realização, por parte daqueles, da reconstituição da história da Escola Normal de Oeiras, em que objetiva-se

[...] levá-los a perceber o fenômeno educativo em tempos e espaços diferentes da história da humanidade a partir de indagações cuidadosamente organizadas como instrumentos facilitadores para a compreensão dos conteúdos trabalhados, como pro exemplo: qual o modelo de sociedade? O ideal de homem valorizado no período? Em qual espaço geográfico? Em que tempo? Qual educação? Essas e outras questões então elaboradas como elementos norteadores do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História da Educação surgiram da necessidade de promover uma mudança na forma como a disciplina vinha sendo trabalhada, uma história da educação cronológica, fechada no passado, desvinculada dos problemas do presente. (depoimento).

O relato acima nos permite afirmar que a interação sujeito, objeto e realidade, a partir da prática social do presente

¹⁵ Depoimento concedido por Maria Eunice Soares Teixeira, em Picos, em abril de 2008.

é que propicia a construção do conhecimento novo, mesmo que esse objeto se situe no passado. Assim, falar do ensino de uma disciplina requer falar de uma estrutura curricular e pensar nesta significa “pensar na existência de um saber escolar, um conhecimento que possui certa organização de cunho pedagógico, e uma forma como os professores o entendem” (HORN; GERMINARI, 2006, p. 67).

Considerações Finais

Uma análise da vida escolar ao nosso redor, sob o ponto de vista das orientações que determinam a prática educativa nos remete a identificarmos tendências ou paradigmas consciente ou inconscientemente determinantes na linguagem, nas ações, nos instituídos garantindo esta ou aquela configuração escolar. Portanto, entender esta configuração é deslindar estes pressupostos, compreendendo-os em seu momento e nas determinações históricas que os configuraram.

A partir dos planos de curso localizados no arquivo morto da UFPI e dos depoimentos coletados podemos constatar que o currículo do Curso de Pedagogia através da disciplina História da Educação, nos últimos anos tem atendido ao que Nóvoa (1998, p. 38) esclarece sobre a atuação de um historiador e de um educador:

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a história, interrogando os problemas do presente através das ferramentas próprias do seu ofício. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia

Tal postura foi visível nos depoimentos em que as professoras Eunice e Conceição afirmavam ter necessidade de ir à cidade de Teresina, sede da UFPI, buscar o novo, as mudanças, ferramentas e atualizações para discutir com

os discentes, visando sempre impulsionar a renovação da disciplina História da Educação e possibilitar criticidade de seus alunos.

Verificamos que nos Planos de Curso o currículo apresenta-se, muitas vezes, numa teoria tradicional como fora caracterizada por Padilha no decorrer do desenvolvimento deste texto. Contudo, nas falas das professoras entrevistadas percebemos a presença marcante das teorias críticas e pós-críticas definidas também por Padilha (2004), uma vez que as docentes buscavam despertar nos alunos a curiosidade e o desvelar dos porquês dos fatos e fenômenos educacionais através da História da Educação utilizando, para tanto, um olhar filosófico, questionador que superasse a superficialidade, por vezes, apresentadas nos textos didáticos.

Pelo exposto podemos afirmar também que a prática pedagógica dessas professoras foi ou está sendo construída dialeticamente como foi teorizado por Horn e Germani (2006); assemelha-se ao descrito por Pimenta quando fala da prática enquanto processo composto de conteúdos, habilidades e posturas; e, finalmente aproxima-se do que Zabala (1998) esclarece acerca das possibilidades mediante as condições existentes.

Concluimos, portanto, que, se a escola tem um papel pedagógico específico, então, o currículo do Curso de Pedagogia de Picos, especificamente através da disciplina História da Educação, ao longo dessas três décadas também o tem revelado na medida em que as diferentes práticas ora enaltecem a transmissão do conhecimento historicamente acumulado, ora são instrumentos de compreensão do passado e ora são ferramentas na solução dos problemas contemporâneos relativos à história, à educação e à história da educação.

Constatamos, finalmente, que o professor ao trabalhar dessa ou daquela maneira, na realidade definiu suas ferramentas teóricas, estabeleceu seus pontos de referências

com os quais exerceu sua dimensão hermenêutica uma vez que atribuiu sentidos, produziu interpretações do que viveu nas ações pedagógicas desenvolvidas, inseriu-se em uma vertente teórica e propôs a continuidade de uma reflexão-ação sobre seu projeto educativo, visto que ao educar, o educador já está produzindo uma prática geradora de uma teoria pedagógica, posto que esta constitui aquela, de forma a não se saber onde começa uma e onde acaba a outra.

Referências

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: EdUNESP, 1992.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Considerações sobre o ensino da História da Educação no Brasil. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas**. São Paulo: Artmed, 2000.

DE DECCA, E. S. Memória e cidadania. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 129-136.

GARRIDO, J. A. I. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História: memória, história e historiografia**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, set./ago. 1993.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: BURKE, Peter. **A nova história cultural**. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NÓVOA, Antônio. História da Educação: novos sentidos, velhos problemas. In: MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar História**. Minho, PT: Universidade do Minho, 1998. p. 35-54.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Memória e história das disciplinas escolares. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p.322-354.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte/Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOUSA, Ana Teresa Silva. **A formação do licenciado em pedagogia: uma questão em aberto**. Teresina: EDUFPI, 2003.